

na primeira oração o *dedit* da segunda, nada d'isso faz dificuldade. No mesmo 4.º verso *qui* opõe-se estilisticamente a *cunctis*, como no 1.º verso a *Itala me genuit tellus* se opõe *Hispaniae exil*.

Tradução total da inscrição: «A Lucio Julio Apto (fez este tumulo) o patrono Lucio Julio Galio<sup>1</sup>. Gerou-me a terra italica; estive desterrado na Hispania cinco lustros; matou-me o 6.º inverno<sup>2</sup>; neste territorio vivi como hospede, ignorado de todos. O que me deu tudo (durante a minha vida), deu-me aqui tambem o tumulo».

A primeira parte é fórmula geral. Na segunda fala o morto. Traduzi *hic* por «aqui», e não por «este» ou «esse», para ir de acôrdo com a clausula das inscrições funerarias: *hic situs*, etc.

N.º de entrada: 6:404

(*Continúa*).

*N. B.*—Apesar do cuidado que consagrei ao presente catálogo, é provavel que contenha muitos erros, quer devidos á dificuldade da materia, quer porque, para ler inscrições, necessita-se de boa vista—e a minha, na idade em que escrevo, se me vai enfraquecendo. Só um epigrafista consumado, novo, e dotado de qualidades que me faltam, naturais, e de sciencia, poderá fazer obra acabada.

Perdoe o leitor os meus erros, lembrando-se que ficarão acaso compensados com o trabalho que, ainda assim, me deu a leitura dos textos, e mais que tudo com a fadiga que durante dezenas de anos despendi na aquisição de muitas das inscrições, que, se não fosse a minha diligencia, se perderiam; alem d'isso pela mór parte exaradas em lapides nem sempre faceis de obter e trazer para o Museu.

J. L. DE V.

## Necrologia

### D.ºr Artur Lamas

Cumpre-nos como sincero amigo que fomos, desde 1907, d'este illustre archeólogo, há poucos dias falecido em Paris, vir salientar, nalgumas singelas linhas, o altissimo valor da obra que deixou para

<sup>1</sup> Pois que os clientes tomavam o *praenomen* e *nomen* do *patronus*, o nome completo d'este era como traduzi.

<sup>2</sup> O autor quis dizer: o 1.º inverno do 6.º lustro.

que a sua morte seja verdadeiramente sentida e não passe despercebida como a de qualquer desconhecido que nada de útil tivesse produzido.

Filho de José Lamas e de D. Maria Covacich nasceu, na Junqueira, em 27 de Abril de 1874, e formou-se na Faculdade de Direito em 1899, segundo informa o vol. XXII do *Dicionário Bibliográfico*.

Artur Lamas, cujos valiosos trabalhos não são conhecidos do grande público, mas que são apreciados e procurados pela resumida falange dos eruditos e amadores dos assuntos neles tratados, foi um investigador consciencioso e cheio de meticulosidade.

Os seus livros dedicados aos estudos das medalhas tornaram-no uma incontestável autoridade na ciência que, modernamente, se resolveu denominar «medalhística» para a distinguir da sua irmã, a «numismática», que se ocupa das moedas.

Desde muito novo, tendo herdado as medalhas portuguesas que constituíam a colecção de seu pai, também distinto numismata, tratou de a ir enriquecendo, dia a dia, com o que conseguiu elevá-la a cerca de dois mil exemplares.

Porém Artur Lamas não se limitou ao trabalho, para assim dizer material, de reunir estas medalhas, mas inteligentemente as estudou elaborando, sucessivamente, desde 1905 a 1914, estas magníficas monografias, publicadas no seu valioso repositório, dirigido pelo nosso amigo e sábio D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, *O Archeologo Português*, «Medalhas de salvação portuguesas», «Uma medalha portuguesa inédita», «O desacato na igreja de Santa Engrácia e as insígnias dos escravos do Santíssimo Sacramento», «Medalhas da guerra da successão de Espanha referentes a Portugal», «Medalhas de D. Miguel», «Medalhas dedicadas à Infanta D. Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra», «Medalha comemorativa do casamento de D. João VI», «Medalhas de D. Carlos I comemorativas da aclamação para galardoar serviços», «Medalhas comemorativas da instituição da Academia Real da História Portuguesa», «Uma medalha de Fr. D. António Manuel de Vilhena, grão-mestre da Ordem de S. João de Jerusalém inédita no livro de Furse», «Centenário de uma medalha da guerra peninsular», «Medalhas da Academia Real das Sciências de Lisboa», «Medalha do Cardeal D. Jorge da Costa», «Medalha dedicada a Fontes pelo comércio do sal», «Medalhas camoneanas», «Medalha dedicada pela cidade do Pôrto ao Príncipe Regente em 1799», «Medalha conferida pelo Príncipe Regente D. João a dois italianos que salvaram a igreja e hospital de Santo António dos Portugueses em Roma», e «Medalha comemorativa do monumento do Bussaco».

Além destes trabalhos, de que há (exceptuando alguns) separatas de reduzido número de exemplares, publicou ainda: *Catálogo descriptivo da colecção de moedas portuguesas e outras que formam parte da colecção que foi organizada por José Lamas*, Lisboa 1903; *Catálogo de moedas e medalhas do Museu do Carmo*, Lisboa 1907; *Catálogo de medalhas e senhas portuguesas do Museu Etnológico Português*, Lisboa 1909; *Portugal no Cabinet des Médailles de Paris*, Lisboa 1909; e *Le séjour à Lisbonne de Charles Wiener*, Chalona 1910.

Mas o seu melhor livro medalhístico é o intitulado: *Medalhas portuguesas e estrangeiras referentes a Portugal*. Memória histórica e descriptiva. Baseada na colecção iniciada por José Lamas, vol. I, parte I, «Medalhas comemorativas», Lisboa 1916.

Dêste livro escreveu o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos no seu precioso volume *Da Numismática em Portugal*: «É escrita em estilo grave, e com toda a probidade scientifica, cheia de noticias ora importantes, ora curiosas, e acompanhada de exactas informações literarias . . . O autor leu muito e não poupou despesas nem fadigas para obter conhecimento e documentos (nela resume todos os opusculos que havia escrito antes, pela mór parte separatas do *Archeologo Português*). Logo que apareça a conclusão, se fôr, como é de crer, moldada pelo 1.<sup>o</sup> vol., ficaremos com uma obra comparavel, no seu genero, ás *Moedas de Portugal* do D.<sup>or</sup> Aragão. Ainda que existam varios trabalhos medalhísticos, este, pelo seu vasto plano, avanta-se de todos os anteriores».

Com êle ergueu-se Artur Lamas muito acima do conhecido tradista Manuel Bernardo Lopes Fernandes que, na sua *Memoria das Medalhas e condecorações portuguesas e das estrangeiras com relação a Portugal*, não soube esmiuçar com espirito verdadeiramente scientifico, como o fez o nosso falecido amigo, todos os factos históricos relativos a cada medalha. Infelizmente êste trabalho, que ainda deveria ter mais três volumes,—que tratariam respectivamente das medalhas de galardão ou recompensa; das medalhas-insignias e das medalhas religiosas ou cultuais, vulgarmente denominadas verónicas ou veneras, e, seguidamente um apêndice destinado às tesseras, contos, jetons, fichas e tentos, ensaios, provas, estudos de gravadores e medalhas defeituosas; medalhas estrangeiras conferidas a portugueses; medalhões e medalhas projectadas, que não chegaram a executar-se—, ficou incompleto.

Êste facto foi talvez devido a que Artur Lamas esperava que o seu monumental trabalho tivesse um extraordinário êxito, como realmente lho faziam prever não só os seus incansáveis esforços para

aperfeiçoar e tornar um valiosíssimo auxiliar do estudioso, como também a consciência de ter feito uma obra de real valor; porém enganou-se na sua boa fé, não se lembrando que o nosso meio é avesso a trabalhos dêste género, que tem leitores escolhidos, mas sempre os mesmos.

Desiludido portanto, voltou as suas vistas para outro assunto que veio a prender a sua actividade até à sua infausta morte.

Queremos referir-nos ao interêsse, digamos mesmo ao amor que veio a tomar por tudo quanto se prendia ao «sítio da Junqueira», onde nascera e vivera.

Desta inclinação afectiva brotaram, seguidamente, estes trabalhos, dignos do maior apêço e da mais justificada atenção: *A Rua da Junqueira* (cartas de Artur Lamas, Eduardo Burnay e Matos Sequeira publicadas neste jornal), Lisboa 1922; *A ponte da Junqueira*, Lisboa 1923; *Em que casa nasceu Simão Botelho?* Lisboa 1924 (que lhe mereceu ser injustamente incluído entre *Os azeiteiros de Camilo*, pelo S.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup> Manuel de Castro); *As casas de José Ferreira Pinto Bastos e seus descendentes, na Junqueira* (artigo incluído no livro *A Fábrica da Vista Alegre, O livro do seu centenário*); *A quinta de Diogo de Mendonça no sítio da Junqueira*, Lisboa 1924; e o bem cuidado livro *A casa nobre de Lazaro Leitão no sítio da Junqueira*, há poucos meses aparecido.

Colaborou no *Diario de Lisboa, Primeiro de Janeiro, Alma Nova, Boletim da Associação dos Arqueologos Portugueses, Arqueologia e Historia, Resegna Numismatica, Medicina Contemporanea, Gazette Numismatique Française, O Rosario*, etc. Ultimamente andava colhendo elementos para fazer a história do palácio dos Condes da Ega, também existente no sítio da Junqueira.

Creemos que, depois desta sucinta resenha, se pode afirmar, com inteira justiça, que o D.<sup>o</sup> Artur Lamas foi um prestimoso investigador, que prestou revelantes serviços à arqueologia nacional que, com a sua morte, sofreu a perda de um dos seus mais desvelados cultores.

Modestíssimo (quasi acanhado), amigo verdadeiro daqueles a quem se afeiçoava, dedicado em extremo pela sua família, bondoso, sem inimigos, dotado de delicadeza extrema, carácter íntegro, tal era o nosso falecido amigo, D.<sup>o</sup> Artur Lamas, a cuja memória aqui prestamos o mais sentido preito da nossa intensa e verdadeira saudade.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA.

(Do *Diário de Lisboa*, de 6-11-1925).